

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 11.595

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Cembre, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

Sexta-feira, 8 de Fevereiro de 1924
PREÇO—20 CENTAVOS

TELEFONE—5339-C
Officina de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A extinção das Escolas Primárias Superiores significa que o Estado republicano, tão perdulário e esbanjador, condenou o povo à ignorância perpétua para economisar, aparentemente, 6.000 contos...

UM GRANDE CRIME!

O PÃO VAI ENCARECER AINDA MAIS!

Já não se dissimula, já não se inventam razões, já não se evoca o câmbio—assalta-se num golpe rápido o consumidor, aperta-se-lhe a garganta e arranca-se-lhe da algibeira o mísero dinheiro ganho à custa de mil canseiras. A Moagem—e designamos simbolicamente por Moagem tôdas as moagens que nos roubam e moem a paciência—projecta nova extorsão, sem a menor consideração pela situação aflitiva do povo que não ganha para comer

Qual será a atitude do povo?

Resignar-se-ha cobardemente?

Castigará os ladrões?

Prepara-se um novo assalto à bolsa já tam magra do trabalhador. O pão vai encarecer mais do que está. E isto assim continuará enquanto o povo se mantiver nesta resignação covarde. Se o comércio é, por essência, o roubo em acção, legalizado pelos códigos e costumes ancestrais que vendem os velhos tempos das conquistas, na actualidade atinge a meta do mais desafiador decurso dentro e fora de tôdas as leis protectoras do latrocinio. Numa época de latrocinio desenfreado, que a guerra desenvolveu o cúmulo do cinismo e impudor, numa sociedade de gannos confesos e desalmados que protestaram aos seus deuses enriquecer agora ou nunca por todos os meios—desde os menos desonestos até aos de mais declarada bandidagem, não é para admirar ser o povo trabalhador assaltado a cada passo, a cada volta de esquina, nas encruzilhadas da vida, por esses bandidoleiros sem escrúpulos, de casca grossa, ditros como calhaus, estúpidos como portas, de aspecto boçal, mas resumando ronha por todos os poros, — tipos que no outro dia vieram das províncias com uns patacos na algibeira e de tamancos na mão e que

hoje deitam automóvel e enfiam anéis aos três e aos quatro em cada dedo. Quando os da alta finança, da grande indústria, do alto comércio, amassaram as suas fortunas por meio de mil traças, cambalachos e conchavos com governos, calcando aos pés legiões de miseráveis, não hesitaram em lançar os povos numa guerra cruenta para engrossarem os seus capitais e cimentarem melhor o seu poder, aperfeiçoando a arte de burlar e explorar os produtores, não admira que os que vieram das bergas, ignorantes chapados, grosseiros com a entranhada gana de serem ricos — dê por onde der, doa a quem doer — sigam o exemplo da alta e metem descalabramente a mão nas algibeiras do povo sofredor, arrancando de lá todo quanto dinheiro o desgraçado obtém a troco duma faina estenuante e mortífera. Que importa que haja fome, que as doenças dizem agora, como nunca, a pobre humanidade trabalhadora? Que importa que, pelas ruas, morram os esfomeados por toda esta cáfila? Do que se trata é de encher as burras dos bandidos da alta e dos bandidos da baixa; dos ladrões encasacados e dos de jaleca e grosso grilho no cofete!

Como não tem a coragem de sair ao caminho e gritar-nos: *a dôssa ou a vida*, estes saltadores muito cobardes mas muito velhacos, embora de inteligência granítica, vão na esteira dos ladrões finos (inteligentes contínuos do crime) e assambarcam os gêneros de primeira necessidade exigido depois por eles preços fabulosos, preços de latrocinio! Até aqui, macaqueando os da alta, acobertavam-se contra possíveis revoltas do consumidor, com as leis económicas — isto é — com as leis de intrínseca económica — com os câmbios, a procura e a oferta, etc. — coisas em que eles falavam por ouvir dizer, mas de que apenas percebiam o resultado prático: mais dinheiro em cofre. Agora, em presença da spatia do povo, da sua conformação, da sua resignada atitude e de boi para o mata-couro, já não precisam de lambuzar com as tretas científicas a roubalheira. Passam sem as leis jurídicas e sem as leis económicas. Abertamente clamam: *«Queremos mais dinheiro!»* E' o que se passa com a maldada questão do pão.

Anteriormente o lavrador justificava a espoliação com os câmbios, o custo dos adubos, a elevação da mão de obra, etc.; o moageiro cobria-se com o lavrador; o padeiro atirava as culpas para cima da moagem; o caixeiro alegava que cumpria as ordens do patrão. Um constante e desvergonhado jogo de empurra. Agora não é preciso nada disso. O pão encarece mais simplesmente porque é essa a padeiralha de suas excelências? Aumentaram já o preço do pão de 2.º de 1 escudo para 1 escudo e 40 centavos e de 1.º para 2800 por quilo de 600 gramas. Sabido quão reles e intragável é o de 2.º mesmo a 140; sabido que se propõem imediatamente lhe escasseiem o fabrico e o manipular com tôdas as maldades que lhes parece, o povo trabalhador será forçado a comprar o pão de 1.º. Por isto se pôde calcular quanto a vida do pobre, já tam difícil se vai tornando um horror com os novos preços. E' a fome simplesmente imposta ao proletário.

O que já se fez e o que se projecta fazer nesta questão de preços atinge as proporções do roubo mais escandaloso porque quando havia a tabelagem dos trigos, farinhas e pão, os industriais ganhavam fortunas, mesmo respeitando as determinações dos governos, o que não acontecia, ganhavam ainda mais com a moagem e a panificação livres, tam livres que tem aumentado os preços sempre que lhes dá na gana; tanto mais escandaloso esse roubo quanto é certo pelo contrário os lavradores tem cedido o trigo por preços mais favoráveis do que por empate do cereal nos seus armazéns, já pelo receio de importação de trigo exótico (receio que diga-se de passagem desapareceu sempre que um ministro fale em proibir essa importação...); tanto mais infame esse roubo quanto é ilegável que, mesmo vigorando as tabelas, os industriais se confessavam satisfeitos por acharem remunerador a os preços! até no regime do pão político! tanto mais revoltante quanto é verdade não haver razões plausíveis para o encarecimento já reali-

zado nem para o que se tentou levar a efeito a não ser a ganância limitada dos industriais; nem as razões de ordem económica nem as de ordem financeira. Os salários e ordenados os preços aumentados, na generalidade os preços que vigoravam eram já bastante compensadores; são livres a moagem e a panificação: livres de fazerem tôda a sorte de mixórdia, de lotes, de classificações que entenderem mais lucrativas. Pois não contentes com tôdas estas regalias, não achando suficientes os milhões de contos arrancados ao povo, não achando bastante engrossadas as fortunas que em tam pouco tempo tem vigorizado, querem mais. O povo está resolvido a suportar mais este assalto? O que de xamos dito não são afirmações gratuitas. A vários interessados na moagem e na panificação (temos ouvido congratularem-se pelos bons resultados dos seus negócios em qualquer dos regimes: com tabela ou sem tabela e a despeito das fiscalizações e medidas coercitivas de que eles todos se riem. Por outro lado os balanços, mesmo os que se fabricam para fins determinados, mostram que estas classes suga-

Então? EDUCAÇÃO POPULAR Os Telégrafo-Postais

O dr. sr. Anibal Passos realizou ontem a sua anunciada conferência

UM ATAQUE CERTEIRO À EXTINÇÃO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS SUPERIORES

Temos ouvido dizer que os representantes diplomáticos nos países estrangeiros tem a missão de velar pelos interesses dos indivíduos das nacionalidades que representam. Tanta vez ouvimos expressar estas opiniões que acabamos por nos convencer de que correspondiam à mais absoluta verdade. Chegou-nos agora a vez de experimentar a maneira como os diplomatas portugueses exercem a sua missão. Em Sevilha foram presos, como se sabe, os camaradas Manuel Joaquim de Sousa e Manuel da Silva Campos. Provou-se, ou melhor, apuraram as autoridades espanholas que aos presos não cabia culpa que justificasse a sua prisão. E, a instâncias do Conselho Jurídico da C. G. T. portuguesa, as autoridades de Lisboa, por intermédio do ministério dos Negócios Estrangeiros, comunicaram ao representante da Portugal em Madrid que os detidos não sofriam no nosso país a menor perseguição, estando no pleno gozo de todos os seus direitos de cidadãos livres. Competiria agora ao ministro de Portugal em Madrid transmitir para Sevilha as resoluções do ministério dos Estrangeiros. A liberdade de duas criaturas inocentes deve ser motivo suficientemente forte para fazer apressar um ministro nas suas resoluções. Se a missão dos representantes diplomáticos é realmente a de velar pelos interesses dos seus conterrâneos, desta vez o ministro de Portugal em Madrid não soube cumprir a sua missão.

Neste país os pobres são sistematicamente afastados do ensino que só é acessível aos ricos. Reivindicada para os filhos dos pobres o direito sa serem médicos ou advogados como os filhos dos ricos possuem. Os professores nutrem o maior desprezo pelos meios oficiais que sistematicamente lhe inutilizam toda a sua acção e se envolvem em intrinsecas obscuridades. O Estado chega a roubar os alunos aos professores e depois despedem-nos alegando que elles não tem alunos. Critica a atitude do ministro da instrução classificando um erro e um erro grave a supressão das Escolas Primárias Superiores. Disse-se que os professores das Escolas Primárias Superiores e eram incompetências. O orador demonta a falsidade dessa afirmação. Mutilados deles tinham sido professores nas antigas Escolas Normais e outros eram médicos e advogados. Chegou-se a afirmar que tinha sido nomeado um sapateiro de Braga para professor das referidas escolas. Tal não foi verdade. Houve apenas um engano dum ministro que em vez de assinar uma nomeação de serviço, assinou uma de professor mas para a Escola Normal de Braga. Tratou-se dum engano que ao ser reconhecido, devidamente se emendou. O orador declara que tem ouvido dizer mal das faculdades de direito e de letras, e confiado nunca se pensou em encerrar as referidas faculdades. Também em tempos se pretendia alvejar as Escolas Móveis com a afirmação de que tinha sido nomeado um cabreiro nuno como professor. Ora esse cabreiro nunca existiu. As Escolas Móveis e as Escolas Primárias Superiores são duas criações da república. Mas, a república está se assemelhando a Saturno que devorou os próprios filhos! Diz-se que a extinção das Escolas Primárias Superiores produz uma economia de 6.000 contos. O orador cita vários factos demonstrativos de que esta «economia» está longe de atingir aquela verba. Não há direito de se fazer economias na obra da instrução nam país que se encontra mergulhado na ignorância. Ataca os políticos e a obra de demoralização que elles tem realizado. O orador termina afirmando que o povo deve fazer sentir o seu protesto contra a extinção das Escolas Primárias Superiores que se destinavam aos filhos dos pobres, não se tocando no licou porque nele se educam os filhos dos ricos.

Trabalhai, meus irmãos...
«O Diário de Notícias» já se refere às festas com que serão brindados os magnates jornalísticos que veem ao famoso Congresso da Imprensa Latina. Haverá recitas de gala, banquete na Câmara Municipal, passeios a Cintra e Bussaco, festa no «Diário de Notícias» no salão da embaixada do Brasil, na legação de França. Vamos assombrar-nos com estes, se não com a abundância de ideias, ao menos com abundância de champagne. Não é bem um Congresso — é um regabole.

Reconhecimento
«O Mundo», de ontem, fazia salientar o facto de vários países estarem reconhecendo o governo da república soviética e mostrava-se de acordo com que Portugal os imitasse. Não por razões baseadas no interesse das forças vivas. São assim os democratas. «O Mundo» só vê o mundo através do colre das forças vivas. De resto são elas a única vida, visto que o trabalho comparado com a especulação é uma força morta.

Falências
Desde que estalou a guerra que Lisboa vem sendo inundada de improvisados bancos e improvisados banqueiros. Essas exemplares recentes da fauna financeira eram oriundos de várias situações pouco claras e assedadas. Alguns desses improvisados banqueiros eram políticos e políticos em evidência. Durante algum tempo durou para muitos desses audaciosos sem escrúpulos, a idade do ouro. Abusaram dela — e daí as falências. Ontem fallou uma dessas ratoeiras: o Banco Auxiliador do Comércio. Os banqueiros, depois da falência do seu «banco» ainda conseguiram arranjar processo de escapar a outro banco — o dos réus. Nesse só costumam sentar-se as suas vítimas.

«Educação Social»
Publicou-se já o segundo número da interessante e útil revista «Educação Social», que continua a trazer variada colaboração acerca de assuntos pedagógicos. Da referida revista permitimo-nos transcrever um artigo do dr. sr. Manuel Gião, sobre poeiras atmosféricas, o qual inserimos na nossa terceira página.

Os tiranos desprezam-na somente enquanto não são privados dela
Ouvimos falar de liberdade e ainda não sabemos toda a incomensurável magnitude do seu significado. Se falais de liberdade a um ditador, dele sorri sarcásticamente. Lénine perguntava: «Para que serve a liberdade?» Mussolini afirmou «que a liberdade é um cadáver pestilento sobre o qual havia de passar com armas e bagagens». Os ingentes tiranos das massas, os tetricos mandarinis do povo, os sanguinários dominadores das multidões mandavam fusilar quem se atrevesse a pronunciar semelhante palavra. Pelo visto, em boca de escravo e oprimido, liberdade é termo de insulto e rebeldia, conquanto nos livros de um tirano seja palavra divina e santa. Todos os movimentos insurreccionais, tanto os que tinham por fim a restauração do absolutismo como os que tendiam para o progresso, se cobriram com o manto incolor da liberdade. Foi esta lâbaro e lema, clarim e sino de rebate de quantas revoltas e de quantas sublevações populares e colectivas se registam na história. Por isso madame Roland afirmou uma amarga verdade ao exclamar no tablado da guilhotina: «O' liberdade, quanto se mata em tea nome!» Mas a liberdade é uma e indivisível, e a sua expressão adquire maior magnitude quanto maior for o grau de opressão ou da cativerio de quem a invoca. Se Cervantes não tivesse sofrido o cativerio na Argélia, talvez o seu Dom

As maravilhas da mecânica

Uma máquina que reboca 800 toneladas de carga
Pelas 8 horas de ontem partiu de Santa Apolónia em marcha de experimentação, a máquina 0102, grande locomotiva, a primeira importada da Alemanha para os caminhos de ferro do país, por conta das reparações. A nova máquina rebocou até ao Entonamento vagons com 800 toneladas de mercadorias, seguindo também uma carruagem-salão com funcionários superiores da C. P.

Uma decência mental que se observa neste país—afirma—provém da decência que chegou o ensino secundário. Referindo-se ao ensino do latim, o orador aponta as várias anomalias que se praticam. Chega-se ao absurdo não de se exigir que se saiba latim mas que o tenha estudado. E' o mesmo que se exigir a quem possua um bom violino que seja um bom violinista. Fala-se em democracia. Mas a democracia só pode existir quando o povo tenha pela sua cultura, consciência e independência própria. Aqui fala-se em democracia mas deixa-se o povo na ignorância. Referindo-se à campanha feita contra as Escolas Primárias Superiores declara que ela se não baseia em nenhum critério de justiça. E' uma campanha feita em nome de interesses visos. O orador, refere-se ao que se passa em França onde existe maior carinho pela instrução e pela educação apesar de lá estarem incomparavelmente mais difundidas do que em Portugal.

WILSON apreciado por LÉNINE

Na segunda sessão de abertura do 2.º Congresso da Internacional Comunista, em Petrogrado, a 17 de julho de 1920, Lénine fez um relatório sobre a situação internacional. Analisando o livro de Myyard K. yves, sobre as «Consequências económicas da paz», publicado pouco tempo antes, fez teve de referir-se a Wilson e ao wilsonismo. Fê-lo nos seguintes termos: Não creio que um manifesto comunista ou revolucionário, em geral, se possa comparar pelo seu vigor com as páginas de K. yves consagradas a Wilson e à prática do wilsonismo. Wilson foi o idolo da pequena burguesia e dos pacifistas no género de K. yves, o idolo das grandes personagens da Segunda Internacional e mesmo da Segunda e meia que ficaram pasmados perante os seus «altos pontos» e chegaram a pensar a publicar livros sobre as razões da política de Wilson que devia, segundo as suas esperanças, salvar a paz social as suas esperanças, salvar a paz social explorados por reformas socialistas. K. yves coloca Wilson na situação dum imbecil e despreza a queda de tôdas as suas ilusões, desde o primeiro contacto com a política do capitalismo concebida por Clemenceau e Lloyd George. Cada vez mais claramente as massas operárias veem agora as cousas pela sua experiência cotidiana e os pedantes eruditos poderiam concluir, mesmo do livro de K. yves, que as raízes da política de Wilson nasceram numa ninharia socialista e numa frausologia de pequeno burguês com uma absoluta falta de compreensão da luta de classes.

Um caso misterioso

A redacção do A Batalha foi dirigido um pequeno papel escrito por pessoa que decerto se encontra em local onde não devesse gozar de grande liberdade. Esse bilhete deixava-nos entrever a probabilidade dum crime repugnante. Não adiantarmos pormenores sobre o caso sem terminarmos as investigações que estamos fazendo e que deverão conduzir-nos à verdade.

Toucinho próprio para consumo

Há dias, quando fomos de visita ao Armazém Central dos Abastecimentos, em Alcântara, garantiram-nos o respectivo chefe que o toucinho em mau estado que havia chegado do Brasil, fora rejeitado por ser impróprio para consumo. Porém, acabam de nos informar que esse toucinho está sendo encasado desde antontem afim de seguir para a delegação do Porto. Se tal facto é verdadeiro, não pode admitir-se, porque reconhecendo-se o seu mau estado não deve ser vendido ao público. Desde que foi rejeitado devia de há muito já estar no Guano. Se se procura enviá-lo para outra localidade é no intuito de o impingir e por isso desde já fazemos a prevenção necessária, não deixando de procurar saber para onde o pretendem mandar. O público já está farto de ingerir porcaria que o envenenam, e temos por isso obrigação de impedir que mais um crime se pratique.

A situação da Alemanha

A atitude dos trabalhistas
LONDRES, 7.—«Daily Telegraph» diz que o governo trabalhista pretende que o problema das garantias a dar à França seja resolvido não por uma aliança anglo-francesa ou por um tratado mas pelo desarmamento da região do Reno sob a fiscalização da Liga das Nações.

A valorização da moeda

BERLIM, 7.—O governo francês apresentou ao governo alemão o seu plano para a organização de um banco alemão de notas ouro.

LIBERDADE!

Quixote não tivesse tanto empenho em querer libertar cativos e forçados. Quem não tenha sido privado da liberdade não pode compreendê-la! Ah! se o tirano que exclama que a liberdade é algo de superfluo, se se visse de súbito amarrado e atirado para um lôbrego estabelecido, não tardaria certamente muitas horas a mudar de opinião. A liberdade não se dá. Ninguém tem o direito de tirar ou restituir a liberdade a outrem. Mas já que é assim, enquanto os homens se não põem de acordo para a política e justa organização da sociedade (que quantos o possam fazer, libertem o seu semelhante!

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade
NOTA OFICIOSA
Devido à extinção do Tribunal de Defesa Social, este Secretariado pede aos presos que estejam para responder, indiquem qual o tribunal em que vão ser julgados, e digam qual a situação em que se encontram.

MALAS POSTAIS

Peio paquete «Ardéola» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e por via do Funchal para a Africa Austral, Cap-Town, Elizabeth e Africa, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência registada às 12 horas e da ordinária às 14 horas e pelo paquete «Desirade» para Dakar, Bissau e Bolama. A última tiragem efectua-se às 7 horas da manhã.